

## **Estelita Ocupado: um ensaio de decadência e resistência<sup>1</sup>**

Marianna CARDOSO<sup>2</sup>

Fernanda CAPIBARIBE<sup>3</sup>

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

### **RESUMO**

O ensaio “Estelita Ocupado” surge da necessidade de criação de espaços alternativos de resistência que deem visibilidade à ocupação do Cais José Estelita. A ocupação registrada foi realizada por integrantes do movimento Ocupe Estelita, que é contra a demolição de antigos armazéns utilizados no comércio de açúcar e derivados até o início do século XX, na área do cais, para construção de torres residenciais e comerciais. Como forma de reflexão e realização do referido registro fotográfico, esse ensaio parte do conceito de apreensão da realidade através de imagens desenvolvido pela autora Susan Sontag (1986), bem como levanta a discussão sobre o lugar da fotografia-expressão enquanto linguagem. É inspirado, ainda, pelo conceito de paisagem-postal, através do qual o olhar é guiado por uma busca da relação entre os sujeitos que habitam Recife e a história de decadência e resistência do cais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cais José Estelita; Fotografia-expressão; Movimento Ocupe Estelita; Paisagem-postal.

### **1 INTRODUÇÃO**

Na noite do dia 21 de maio de 2014, iniciou-se a demolição dos armazéns localizados na área do Cais José Estelita na cidade do Recife. A ação foi flagrada por um dos integrantes do movimento Ocupe Estelita e denunciada nas redes sociais. O que se seguiu foi uma movimentação histórica de homens e mulheres dispostos a ocupar uma das paisagens da cidade para impedir sua demolição e conseqüente destruição de uma área que compõe uma paisagem histórica da cidade.

O Cais José Estelita, banhado pela bacia do Pina, localiza-se na Ilha de Antônio Vaz no Recife (ilha que corresponde aos bairros de Santo Antônio, São José, Cabanga e Coque). O cais era utilizado pelo Porto do Recife para o estoque do açúcar produzido na zona canavieira do Estado e pela Rede Ferroviária Federal, que mantinha uma série de galpões/armazéns e a segunda linha férrea do Brasil, inaugurada no ano de 1858. No entanto, após a introdução da indústria automobilística no Brasil e conseqüente modificação da malha

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Produção Transdisciplinar, modalidade PT 03 Ensaio fotográfico artístico (conjunto).

<sup>2</sup> Aluna líder do grupo e estudante do 4º Semestre do Curso de Rádio, TV e Internet, email: mariannalyrac@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Comunicação Social, email: fernanda.capibaribe@gmail.com.

de transportes, urbanos e interurbanos, o espaço foi desativado e abandonado pelo poder público e assim passou anos, até que em 2008 a área (de aproximadamente 10 hectares) foi vendida através de leilão para um conglomerado de empresas privadas do setor imobiliário, o Consórcio Novo Recife. Em 2012, o Consórcio Novo Recife apresentou o projeto Novo Recife, que pretende construir 12 torres de 40 pavimentos no território, um complexo empresarial, residencial, comercial e hoteleiro. Como consequência, e com o intuito de discutir e apontar possíveis irregularidades ocorridas no leilão no terreno, além de debater o direito à cidade, formou-se o grupo Direitos Urbanos que dá atenção às problemáticas envolvendo o Cais José Estelita e mobilizou o movimento Ocupe Estelita, um grupo diverso, constituído pessoas de faixas etárias diferentes, das mais variadas áreas profissionais e com distintos backgrounds socioculturais.

Desde então, o movimento questiona a falta de protagonismo do poder público e aponta irregularidades no projeto, como a ausência de estudo de impacto ambiental e do impacto de vizinhança. Em 2014 somavam-se quatro ações contra o projeto Novo Recife, sendo uma do Ministério Público Federal, outra do Ministério Público Municipal e as duas restantes ações populares. Quando, em maio de 2014, o consórcio deu início à demolição dos armazéns, integrantes do movimento foram até o Cais José Estelita impedir a continuidade da demolição que, no dia seguinte, foi oficialmente embargada por uma liminar do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

As/os integrantes do movimento Ocupe Estelita permaneceram acampadas/os no terreno, até o dia 17 de junho de 2014, quando houve execução da reintegração de posse da área para o consórcio, numa ação da polícia de choque. Somaram-se um total de mais de 50 dias de ocupação, na qual, num primeiro momento, as/os ativistas do movimento acamparam no interior do terreno, junto aos galpões, e depois seguiram acampados embaixo do viaduto em frente à entrada da área. Durante o período da ocupação, praticamente não houve cobertura fotográfica dos principais jornais pernambucanos (Jornal do Commercio, Diário de Pernambuco e Folha de Pernambuco); quase não se viram registros na grande mídia local da mobilização realizada pela sociedade civil. Para esses meios, portanto, era como se o movimento não existisse enquanto protesto e a parca cobertura, em sua maioria, abordava a mobilização como baderna.

O Jornal do Commercio, único dos três principais jornais locais a noticiar o fato em sua versão eletrônica, deu ao todo, desde o último dia 21, cinco matérias em sua página na internet, sendo uma no dia 21, três no dia 22 e

uma no dia 23. Nas edições eletrônicas dos jornais Diário de Pernambuco e Folha de Pernambuco, as buscas pelas palavras-chave “Estelita”, “Cais José Estelita” e “Ocupe Estelita” não obtiveram como respostas matérias entre os dias 21 e 27 de maio. As únicas cinco matérias do Jornal do Commercio, por sua vez, passam longe de informar sobre o que está acontecendo no Cais José Estelita e a mobilização contra o projeto Novo Recife. Apenas uma matéria tem um vídeo que mostra pessoas que estão no movimento “Ocupe Estelita”, mas o texto não traz uma declaração sequer de qualquer integrante do movimento. (MARTINS & MOREIRA, 2014)

A explicação para o déficit na cobertura da ocupação relaciona-se com interesses políticos e econômicos, uma vez que as empreiteiras que compõem o consórcio Novo Recife são as principais anunciantes dos jornais recifenses. Num movimento contrário à invisibilidade dada ao Ocupe Estelita nos meios tradicionais, no entanto, houve uma vasta propagação de conteúdo, sobretudo fotográfico, nas redes sociais, sites independentes e blogs. Provavelmente porque, com o distanciamento das mídias tradicionais, fez-se necessária uma forma alternativa de legitimar e visibilizar a ocupação. E a linguagem fotográfica é um dos aportes que veio cumprir esse papel, se não aquela produzida para os grandes veículos de comunicação, sim para o registro de fotógrafas/os independentes, amadoras/es e profissionais.

Segundo Sontag (1986),

A realidade sempre foi interpretada através dos dados fornecidos pelas imagens e, desde Platão, que os filósofos procuraram reduzir essa dependência evocando um modelo de apreensão do real em que a imagem estivesse ausente. Mas quando, em meados do século XIX, esse modelo parecia finalmente possível, o desvanecimento das velhas ilusões religiosas e políticas perante o avanço do pensamento científico e humanista não provocou – como se previa – deserções em massa para o real. Pelo contrário, a nova era da descrença reforçou a submissão às imagens. O crédito que já não podia ser concedido a realidades compreendidas sob a forma de imagens, era agora concedido a realidades compreendidas como imagens, como ilusões. (SONTAG, 1986, p.135)

Podemos dizer então que, no contemporâneo, as imagens mediam nossas experiências. Vivemos cada vez mais permeados/as e através de imagens, e estas passam a integrar as nossas vivências de forma significativa. E o registro fotográfico gera conhecimento para além da experiência que nos é própria, pois nossa relação com o mundo passa a ser apreendida a partir da experiência de uma alteridade, de um outro olhar, da/o fotógrafa/o.

No caso do Estelita, na ausência de alguns profissionais preocupados em enquadrar suas imagens aos padrões clássicos do fotojornalismo para posterior publicação em veículos tradicionais de mídia (uma vez que não era interessante dar visibilidade ao Ocupe Estelita por causa das relações políticas como abordei anteriormente) e na necessidade do registro desse momento histórico, o que observamos foi uma experiência de liberdade e construção criativa de imagens que utilizaram variadas técnicas de fotografia artística e fotografia-expressão para registrar o período de acampamento.

O presente trabalho se desenvolve dentro deste contexto e faz uso da fotografia-expressão para documentar não só a ocupação do Cais José Estelita, mas também captar a essência do movimento, o sentimento das pessoas em relação ao Cais, sua importância e, sobretudo, o grito de socorro de construções carregadas de história que mesmo em ruínas resistem silenciosas.

A fotografia-documento, em sua origem, tem por objetivo representar o real. Composta por estilos e técnicas realistas, propaga em imagens a intenção de ser um registro fiel do mundo e dos acontecimentos. Essa forma de pensar fotografia, no entanto, entra em crise, uma vez que não corresponde totalmente às necessidades da sociedade, além do que a fotografia já provou ter um aporte muito maior do que o informacional. Entra em crise, portanto, a crença na representação do real, e discute-se que a fotografia não é meramente um reflexo de situações e acontecimentos, mas sim a produção de novas realidades. Cada imagem é construída a partir de uma sucessão de etapas (enquadramento, ponto de vista, iluminação, plano) e cabe ao fotógrafo a função de transformar a realidade em cada registro.

A fotografia-expressão age sobre o conjunto das atividades, em um mundo de acontecimentos, com redes digitais e informações em tempo real. O trabalho dos fotógrafos-expressivos envolve originalidade e criatividade, situando-se sempre no limite entre a razão e a emoção. Esses fotógrafos tecem, sob forma de imagens, comentários sobre o mundo presente, resultado de uma posição participativa e gosto pessoal. Eles se propõem a descrever, comparar, conotar, persuadir, além de inferir valores em objetos e fatos, assumindo a função de observar certas convenções, codificar seus trabalhos e convertê-los em produto de comunicação. (HORN, 2010, p. 3)

Nesse sentido, a escolha da fotografia-expressão para este ensaio fotográfico parte de duas frentes. A primeira vem do pressuposto que, ao fazer uso da fotografia-expressão, é possível aproximar aquela/e que observa a imagem do objeto fotografado, no caso, o Cais José Estelita e a sua ocupação pelo movimento, sendo, assim, uma forma de conectar pessoas à causa. E a segunda parte da ideia de que esse tipo de fotografia consegue captar o sensível

do cais e dos ocupantes para além de um aporte meramente informacional, permitindo que venham à tona percepções, afecções e ações mobilizadas por esse mundo sensível.

## **2 OBJETIVO**

O objetivo do ensaio “Estelita Ocupado” é mostrar através da fotografia-expressão, que atrela o documento ao artístico, o político ao estético, um recorte do cotidiano e do lugar de resistência protagonizado por manifestantes do Ocupe Estelita acampados no interior do terreno. Essa proposta envolve sobretudo a relação entre os ativistas e o entorno, visa mostrar como se apropriaram afetivamente do lugar, como deixaram eclodir vestígios e silêncios através dessa apropriação. A intenção é trazer essa relação através das imagens também silenciosas da fotografia. É um olhar que tenta desvelar esses vestígios em busca de uma essência, um devir que se tornou latente através desse cotidiano de resistência criado após a instalação do acampamento na área interna do Estelita. Essa busca legitima a escolha pelas imagens em preto-e-branco, que nos adensam a interpretação.

Ainda, esse ensaio objetiva trabalhar processos de subjetividade e autoria, na medida em que a fotógrafa e o seu olhar também estão aqui desvelados, como alguém que também esteve presente e vivenciou a resistência e é sujeito da experiência. Portanto, esse ensaio busca aproximar as pessoas do Cais José Estelita através da minha experiência. O intuito das imagens é reafirmar a força da composição fotográfica conectada com a força das formas do cais, propondo uma reflexão mediada pelo sentimento que guia o dedo que dispara imagens.

## **3 JUSTIFICATIVA**

O ensaio foi produzido em uma aula prática em campo na disciplina de “Introdução à Fotografia”. O trabalho consistia na produção de um ensaio com até 30 fotografias relacionadas a um dos temas: fotografias do Cais José Estelita (armazéns, linha férrea, paisagem), fotografias do Ocupe Estelita (barracas, pessoas, cotidiano, oficinas) e fotografias das expressões, de pessoas e situações que formavam a ocupação, em preto e branco. Partindo da demanda (e responsabilidade) de fotografar diretamente em preto e branco, optei por guiar meu olhar através dos princípios da fotografia-expressão.

A escolha foi feita baseada na percepção de que a fotografia-expressão ocupa um espaço entre documento e arte, unindo os conceitos e aproximando, assim, quem vê a imagem da vivência do fotógrafo, criando um paralelo entre representação e imaginário. Não se retira

das imagens o caráter documental da ocupação. Entretanto, a abordagem do tema, o olhar interpretativo e a estética não estão subordinados a convenções.

Não houve preocupação em apresentar um ensaio que captasse a dimensão da ocupação e até mesmo planos abertos fiéis à “realidade objetiva”, ou informacional do cais. Houve, sim, a atenção e intenção em captar um imaginário, o meu, e sua relação com as construções do cais e as pessoas que ali estavam com as quais eu comungava. Minha personalidade e necessidade de revelar-me enquanto ocupante e moradora da cidade. O resultado da atividade serviu como avaliação final da disciplina.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Para obter as fotografias que resultaram no ensaio “Estelita Ocupado” foi utilizada uma câmera digital (DSLR), sendo essa uma Sony Alpha SLT A37 com lente objetiva zoom DT 18-55mm f/3.5-5.6 SAM. O alcance focal, a abertura do diafragma e a velocidade do obturador variando em cada imagem de modo a reafirmar o compromisso com a liberdade criativa na hora de compor a fotografia e com a despreocupação em manter uma linearidade técnica. Os elementos que se repetiram nas capturas foram o uso do flash desligado e o ISO 400.

As imagens foram realizadas no dia 7 de junho de 2014 (sábado), entre 15h e 17h, com luz natural de uma tarde nublada com pancadas de chuva, no Cais José Estelita, dentro da área leiloada ao Consórcio Novo Recife, referente ao antigo território pertencente ao Porto do Recife (armazéns de açúcar) e à Rede Ferroviária Federal onde estava armado o acampamento do movimento Ocupe Estelita.

O ensaio gerou imagens com dimensões de 4912x2760, sendo 4912 pixels de largura e 2760 pixels de altura com resolução horizontal e vertical de 350 dpi, que variam entre 1.93MB e 5MB, em preto e branco e formato JPEG. Foram produzidas, em média, 90 imagens, posteriormente selecionadas.

#### **5 DESCRIÇÃO DO PROCESSO**

O ensaio “Estelita Ocupado” é fruto de um processo de trabalho que foi além das preocupações com as técnicas fotográficas visando a aprovação na disciplina de Introdução à Fotografia, foi muito mais um processo pessoal de entrega e descoberta, da cidade, das possibilidades da fotografia e da sensibilidade da fotógrafa.

O Cais José Estelita enquanto cartão-postal da cidade em que nasci e cresci sempre me foi familiar, também tive a oportunidade de acompanhar o desenvolvimento do movimento Ocupe Estelita e a luta de seus integrantes pelo direito à cidade do Recife desde 2012. Nesse sentido, a apuração prévia do tema, a realização de pesquisas e a familiarização com o contexto e os sujeitos envolvidos não foram um problema no processo de concepção do ensaio, uma vez que eu estava imersa na temática.

O plano de abordagem começou a ser elaborado quando me deparei com o conceito de paisagem-postal da autora Lucia Maria Veras:

Mais do que um Cartão-postal, a borda de São José, no centro histórico do Recife, é uma Paisagem-postal. Paisagens-postais são aquelas que identificam cidades. Esta identificação não está expressa na paisagem em si, mas na relação de apreensão entre o sujeito que a observa e a paisagem que se deixa observar, entre o sujeito que a transforma e a paisagem que se deixa transformar, no sujeito capaz de pensá-la ao reunir a dispersão dos dados sensíveis e manter em si a conexão das coisas que a revelam como paisagem. Quando as paisagens afiançam as nossas intenções, é porque nos tocam profundamente e descobrimos em nós o complemento daquilo que percebemos, como parte do fio das coisas que as tecem. Se este sentimento é partilhado coletivamente, não estamos mais diante de um Cartão-postal, mas diante de uma Paisagem-postal. Assim, se o cartão-postal congela no segundo da fotografia aquilo que foi capturado pelo olhar sensível, a paisagem que foi registrada revela, para além da imagem do segundo fotografado, a apropriação dos lugares em camadas de tempo sobrepostas, próprias da cultura. (VERAS, 2014)

Como fotografar os anos de história e memória das construções? Como captar o sensível? Como transmitir, através de imagens, a relação dos sujeitos com o Cais José Estelita? A história do cais é permeada por decadência e descaso. Os armazéns representam um período de prosperidade, riqueza e exportação durante ciclo do açúcar, mas também a decadência do ciclo, a crise açucareira e o fechamento das portas. A segunda linha férrea do Brasil trouxe desenvolvimento, um título que mostra a importância da região, mas traz consigo o peso do abandono, da falência. A triste imagem símbolo da decadência da era do açúcar entra no imaginário e no sensível dos sujeitos e torna-se paisagem-postal, mais uma vez, decadente. E parte dessa história em vestígios foi demolida no dia 21 de maio de 2014.

As fotografias do ensaio “Estelita Ocupado” jogam elementos opostos em um mesmo enquadramento, brincam com o decadente e com o belo, simultaneamente. Com a ruína, os vestígios de memória, mas também com a resistência, com a vida no presente através dessa memória. E o preto-e-branco reforça esses contrastes, apresentando-os, nas gradações de

claros e escuros, uma essência sem o direcionamento interpretativo ocasionado pela presença das cores, estas sendo em si já uma linguagem.

E a linguagem da fotografia é duplamente artística – uma vez foca na captura de elementos do sensível, uma estética que permeia relações e as identidades inscritas no Cais José Estelita – e documental – pois não deixa de ser um registro histórico que representa uma ocupação de um movimento social, dessa forma, adequa-se no *entre-lugar* que conceitua a fotografia-expressão. Por fim, a escolha de não realizar nenhum tipo de tratamento posterior à captura das imagens também faz parte do processo e dialoga com a ideia de entrega e busca por expressão: a arte-documento crua inscrevendo a crueza do Cais.







## 6 CONSIDERAÇÕES

Desenvolver o ensaio fotográfico “Estelita Ocupado” a partir das vivências e discussões da disciplina de Introdução à Fotografia me possibilitou uma profunda reflexão acerca das possibilidades que a fotografia pode oferecer. Estar atenta à relação do fotógrafo com o objeto fotografado e ainda refletir sobre a imagem e o consumidor dessa imagem, me fez perceber a responsabilidade daquele que fotografa.

Sontag apresenta a ideia do “Mundo Imagem” no qual, cada vez mais nos aproximamos da submissão às imagens a partir de nossas experiências de consumo, escrevendo que:

Através das fotografias temos também a relação de consumo com os acontecimentos, tanto com os que fazem parte da nossa experiência como com os outros, e são os hábitos que esse consumismo inculca que tornam vaga a distinção entre esses tipos de experiência. (SONTAG, 1986, p.138)

Quando leio essa afirmativa, percebo fortemente que minha relação com a câmera deve ser de extrema responsabilidade, pois vai permear as experiências de outras pessoas, além da minha própria.

A compreensão dessa responsabilidade possibilitou a escolha do uso da fotografia-expressão como linguagem tradutora da relação entre sujeitos e cartões-postais que caracteriza as paisagens e suas relações instituídas. Durante o ensaio, estive sensível ao poder da minha posição na produção de novas realidades através do registro fotográfico, dando novas interpretações ao visível, levantando questionamentos e captando mundos sensíveis através de meus próprios atravessamentos sensíveis.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HORN, Evelyse Lins. **Documentário imaginário**: reflexões sobre a imagem fotográfica e sua produção entre a arte contemporânea e o documental. In: INTERPROGRAMAS DE MESTRADO DA FACULDADE CASPER LÍBERO, 6, 2010, São Paulo. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/04/Evelyse-Lins-Horn.pdf>>. Acesso em: 12/05/15

MARTINS, M.; MOREIRA, M. **O que a imprensa do Recife não conta sobre o Estelita**. Carta Capital. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/cronica-de-uma-morte-anunciada-a-cobertura-do-ocupeestelita-em-pe-3964.html>>. Acesso em: 13/05/15

SONTAG, Susan. O Mundo das Imagens. In: \_\_\_\_\_. **Ensaio sobre fotografia**. Lisboa: Publicações Don Quixote, 1986. p. 135-158.

VERAS, Lucia Maria de S. Cavalcanti. **O horizonte vertical ob-scenus: A ameaça de destruição de uma Paisagem-postal no coração do Recife**. Disponível em: <<https://direitosurbanos.wordpress.com/2014/06/01/o-horizonte-vertical-ob-scenus-a-ameaca-de-destruicao-de-uma-paisagem-postal-no-coracao-do-recife/>>. Acesso em: 13/05/15